



REVISTA SUL-AMERICANA

BIBLIOGRAPHIA BRAZILEIRA --- SCIENCIAS, LETRAS E ARTES

Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador

Rio de Janeiro—Assignatura annual para todo o Brazil 5\$000

Para os paizes estrangeiros: gratis ás associações e publicações congeneres. Assignatura por anno 12 francos (união postal). São nossos correspondentes na Europa: em Lisboa, Antonio Maria Pereira; em Paris, Guillard, Aillaud & C.; em Londres, Dulan & C.; na Italia, Fratelli Bocca; na Allemanha, G. Herder,

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao gerente do Centro Bibliographico, rua Gonçalves Dias 41.

SUMMARIO. — I Movimento espiritual do Brazil no anno de 1888, pelo Dr. Sylvio Romero. — II Factores externos da civilisação no Brazil. Theorias historicas. O evolucionismo pelo Dr. Felisberto Freire. Linguagem brasileira — Lexicographia brasileira — barra, barro e suas formações, pelo Dr. Macedo Soares. — Resenha Politica e administrativa, por Hypolito. — Os Quinze dias, por Nereu — Bibliographia Brasileira — Catalogo alphabetico das publicações brasileiras.

Movimento espiritual do Brazil no anno de 1888

(Retrospecto litterario e scientifico)

II

De toda a litteratura brasileira a região mais ubertosa, onde as produções têm mais viço e ostentam-se mais galhardas, é a região da poesia.

Começemos por ahi; a cousa é convidativa, o terreno é plano e a viagem será curta.

O primeiro symptoma a notar na litteratura poetica do anno passado é que ainda de todo não conseguira ella emancipar-se da influencia estrangeira, *silicet*, franceza.

Em nosso lyrismo, até em suas mais valentes construcções, sobre a madeira tirada de nossas matas hão de os operarios embutir enxertos exóticos e envernisar tudo á moda d'estranhos. Defeito esse não creado pelo anno que morreu, v lha molestia nossa que a historia e a critica não poderam ainda arrancar de nosso organismo.

Entretanto, o ideal por este lado, o alvo n'esta direcção, seria acabar com o privilegio francez; lêr, estudar os grandes representantes de todas as fortes litteraturas do seculo, não para repetir o que elles escreveram, mas para saber o que elles pensaram e chegar até onde elles subiram. Fortificar a individualidade, em vez de perdê-la, ao contacto dos mestres.

A melhor condição para isto é cultivar os assumptos brasileiros, conhecer a vida d'este paiz. Sua ethnographia, sua historia, sua litteratura, sua demographia, seu *folk-lore*, não falando já no interesse incomparavel do estudo de sua geologia, de sua geographia, de sua fauna, de sua flora, que bellos assumptos offerecidos á sagacidade, ao talento, ao patriotismo d e nossa mocidade!

Quando soubermos bem quem nós somos, não poderemos mais ter medo de estudar os estranhos. A autonomia do pensamento será garantia de nossa originalidade.

E os moços brasileiros poderão levantar bem alto a cabeça, quando trabalharem e quando quizerem ser elles mesmos para ficar sendo alguma cousa.

Bibliographia Brazileira

ANNO II — 31 DE JANEIRO DE 1889 — BOLETIM XIII

AVISO. — Pedimos aos Srs. editores do Brazil que nos enviem um exemplar de suas publicações (livros, musicas, mappas, photographias, lithographias, etc.), com indicação do preço da venda. Esta indicação é importante para completar a noticia das publicações.

O CENTRO BIBLIOGRAPHICO VULGARIZADOR

Compra e vende livros raros e preciosos: restos de edições e edições inteiras; bibliothecas particulares e livrarias para liquidar.

Permuta obras estrangeiras e nacionaes, e serve de intermediario para com as livrarias das provincias e do estrangeiro.

Encarrega-se de liquidar por meio de vendas, leilões geraes e parciaes, livrarias bibliothecas e edições. Organizando para isso catalogos e encarregando-se da sua publicação e vulgarisação.

Encarrega-se de publicações por conta dos autores, do governo geral ou provincial: da distribuição pela imprensa nacional e estrangeira, bem como da respectiva venda e propaganda.

A commissão depende da importancia do encargo e dos meios necessarios á sua realisação variando de 20 a 40 %.

Catalogo alphabetico das publicações brazileiras

LIVROS

339.—ADOLPHO NEUMANN Nova grammatica allemã theorica e pratica por Emilio Otto, doutor em philosophia e lente de linguas modernas na universidade de Heidelberg. Adaptada ao programma do ensino no Brazil. Rio de Janeiro. Livraria Classica de Alves & C., 46 e 48 rua Gonçalves Dias. 1889. 16° com XXIII-447-VI pags.

340.—*ALFREDO LEITE—Musgos. Poesias?

341.—*BOLETINS da sociedade de medicina e cirurgia do Rio de Janeiro. Anno II 1887. Rio de Janeiro?

342.—*GOES SIQUEIRA (Dr. José de), Galeria das celebridades contemporaneas brazileiras. 1° fasciculo contendo a biographia e o retrato de D. Pedro II?

343.—*MOREIRA SAMPAIO. D. Sebastiana. Revista theatral. Rio de Janeiro?

344.—*SEBASTIÃO PARANA'.—Esboço geographico da provincia do Paraná?

Publicações periodicas

Do anno de 1889

1.—ALMANAK BIBLIOGRAPHICO Folhinha brazileira. Publicado pelo Centro Bibliographico Vulgarizador contendo: 1. Kalendario de 1889 com a designação dos dias de gala, feriados, festas moveis e audien-

cias.—II. Almanack das instituições litterarias, scientificas e artisticas, jornaes, redacções, estabelecimentos lithographicos, officinas de artes graphicas e co-relatas. —III. Bosquejo historico bio-bibliographico do anno de 1888.—IV. Bibliographia, indicações e annuncios. Anno I. 1889. Rio de Janeiro. Livraria do Centro Bibliographico, 41, rua Gonçalves Dias. 1889.—32 com 128 pags.

2.—ALMANACH DA CASA-BRANCA para o anno de 1889, Organizado por Laffayette Toledo Segundo anno. Casa Branca Editores e Proprietarios: N. Pereira & Toledo. Campinas, Typ Livro Azul A. B. de Castro Mendes & Comp. 1888—16° com 189 pags.

3.—ALMANACH DA CIDADE DA CACHOEIRA para o anno de 1889—Compilado e coordenado pelos professores publicos Diogo Vallasques e Xavier Leal—Anno II?

4.—REVISTA PAULISTA FLUMINENSE Litteraria, Scientifica, Critica, Artistica e Bibliographica. Publicação mensal. Redactores: Felinto de Oliveira, Adherbal de Carvalho e Americo da Veiga. Rio de Janeiro. Redacção rua do Hospicio 139. Séde em S. Paulo rua da Princeza 7—1889. 8° com 80 paginas.

5.—REVISTA SUL-AMERICANA Bibliographia brazileira, Sciencias, Lettras e Artes. Publicada pelo Centro Bibliographico Vulgarizador—Quinzenal—4° em 16 pags.

6—TREZE DE MAIO, Revista litteraria, Scientifica e artistica. Primeiro anno—Rio de Janeiro. Redacção rua de Gonçalves Dias 83, entre a do Ouvidor e Rosario. Typ. Chrisalida 41 rua da Constituição. 1889—8º em 80 paginas.

ANNUNCIOS

OPINIÃO DA IMPRENSA SOBRE O Dictionario Grammatical

POR

JOÃO RIBEIRO

Imprensa.—São sempre bemvindas as obras didacticas, quando escriptas com methodo e clareza, e neste caso se acha o *Dictionario grammatical* do Sr. João Ribeiro, ultimamente editado pelos Srs. Alves & C.

É um bom livro de consulta, em que, de par com os preceitos da Grammatica, se encontram, em resumo, as materias referentes ao estudo historico comparativo da lingua.

As questões grammaticaes, mais calorosamente discutidas nestes ultimos tempos, taes como a collocação das variações pronominaes e o emprego do infinitivo pessoal, alli se acham expendidos com o desenvolvimento strictamente preciso, de modo que sem se perder nos meandros de demasiadas minudencias, póde o estudante tornar-se facilmente senhor dos principios geraes que regem cada um desses pontos.

(*Jornal do Commercio*, 13 de Janeiro de 89)

LIVROS NOVOS

DICCIONARIO GRAMMATICAL, COMPILADO
POR JOÃO RIBEIRO

Um dos nomes que modernamente com maior justiça se tem tornado conhecido pelos seus trabalhos philologicos, é o do autor do *Dictionario Grammatical*.

Moço ainda, ha poucos annos dando á dublicidade os seus estudos de lingua vernacula

o Sr. João Ribeiro em menos tempo do que muitos que ao mesmo trabalho se consagram, apenas chamam a attenção dos que se interessam por esses assumptos, conseguiu fimar o seu nome e conquistar para os seus livros a confiança a que têm direito os livros dos mestres.

E tanto mais para louvores é isso, quanto é sabido que muito pouco seductora é a materia a que o Sr. João Ribeiro mais consagra a sua actividade intellectual.

Em geral, o estudo da philologia no Brazil é bastante desprezado.

Infelizmente, a grammatica não é dos livros mais estudados e raros são aquelle que, uma vez adquirida relativa somma de conhecimentos, se preocupam ainda em percorrer-lhe as paginas.

Nasce isso sem duvida da falta de preocupação de bem escrever a nossa lingua. Indistinctamente empregamos os vocabulos e formamos os periodos, sem dar sequer ás regras a mais pequena attenção.

Manejar a lingua portugueza, a pura, a legitima, não é das causas mais facéis e desgraçadamente a má inspirada pretensão de formar uma lingua brasileira não pouco tem concorrido para o pouco caso com que com, mumente é ella encarada.

Escrever e publicar livros, por conseguinte, que tenham por fim conservar á lingua o primitivo brilhantismo e pureza, mesmo com a certeza do pequeno edesanimador acolhimento com que são recebidos, é caso para os mais prolongados applausos, que são ao mesmo tempo recompensa e protesto.

«O *Dictionario Grammatical*, diz o autor no prefacio, foi organizado para responder abreviadamente ás questões que modernamente se têm ventilado no estudo da lingua».

Não poderia ser melhor definido o livro de que nos occupamos; leal e criteriosamente feito, não pequenos serão os bons resultados que da sua leitura co herão os que entenderem consultal-o.

Aquelles que querem aprender, principalmente, e mesmo os que em leitura desprerenciosa visam firmar as suas opiniões, terão no *Dictionario Grammatical* um auxiliar valioso, que certamente não os aconselhará a percorrer errado caminho.

(*O Paiz*, Janeiro 89)

De um grande espantelho já se viram livres: — da lepra, da idiotia da *nova geração*!...

Vae para dois ou tres annos que esse associacionismo da tollice, esse fakirismo da pedanteria e da ineptia começou a definhar, a estrebuchar até morrer. No anno passado, e este é o segundo symptoma que assignalo á diagnose intellectual patria n'esta resenha, não se falou mais em *nova geração*. O monstrengo tinha desaparecido.....

A historia d'essa praga é curiosa.

Um grupo de imbecis, tomados de não sei que prurido de exhibição, entendeu de scindir a evolução do pensamento brasileiro em duas phases inteiramente desacordes, onde deveriam campear, também radicalmente inharmonicas,—a *antiga* e a *nova geração*.

Em vez de idéas, de doutrinas, de systemas, de theorias, faziam-se os taes maganos portadores de uma folha de papel, enrolavam-se na *certidão de idade* e investiam contra a gente descuidada!... Eram os novos *hycksos* da ignorancia e da estolidez. Eu previ logo o esphacelamento d'esse bando de ciganos, que passavam pela zona litteraria a tocar seus tachos e chocалhos velhos; mas incapazes de fixar pousada e trabalhar seriamente. Um pouco experimentado, já conhecêra antes varios bandos d'esses *talentos*, d'esses *genios de arribação*, faceis em surgir e desaparecer, como nuvens de gafanhotos. Predice ser a praga de pouca duração; os coleopteros haviam de afugentar-se, e nós outros tinhamos de ficar intactos em nossos postos.

O tempo, o portentoso factor darwiniano, o magnifico alliado que sabe matar o que não presta e dar vida ao que tem valor, sem o menor esforço, em diminuto lapso, deu com a traquitana embaixo, e hoje vemos por ahi desdentados, tropegos, gafentos os grandiosos tolos da *nova geração*, d'aquella apollinia turma de heróes, que se propunham fazer o sol mais doirado, o ceu mais azul, e não sei que outras brincadeiras d'este genero...

Não estando ligados por nenhuma aspiração séria, não os unindo nenhum nobre esforço social, litterario, politico ou scientifico, os taes da *nova geração*—de confraria de *elogio mutuo* transformaram-se em commandita de *descomposturas mutuas*,

até que um dia rompeu-se o equilibrio e o *mundéo* despedaçou-se no chão.

O elemento destruidor interno foi o Sr. Luiz Murat.

Por simples considerações accidentaes de colleguismo e contemporaneidade academica, esse moço se approximara a principio dos *bonzos* da nova seita.

Pouco tempo depois começou a descrever d'aquillo e atacou pela imprensa dois ou tres dos barões da patacoada e o resto dispersou por outro modo e n'outro estylo.

O resultado é que os poetas que mais proeminaram em 1888,—o lembrado Murat, Bilac, Guimarães Passos, Augusto de Lima, Medeiros e Albuquerque, e outros d'aqui e das provincias, nem mais se lembravam do barulhento *maracatu* da *nova geração*. Uma logração em regra...

Havia, por outro lado, uma razão fundamental para esta morte obscura e cruel: a rapidez vertiginosa da evolução litteraria n'este final de seculo.

Os mediocres da *nova geração*, embebidos na propria idolatria, não deram por isto, e nem estavam apercebidos para a lucta.

As phases quasi instantaneas da pugna litteraria tinham forçosamente de repetir-se no Brazil, e haviamos por força de apreciar o distanciamento dos *novos*... Ora, campar de *novo* e ser *atrasado*, é dar arrhas á satyra, é desmoralisar-se e cahir.

Era uma empresa insensata a d'esse punhado de fatuos que pretendiam trazer sempre nas golas dos paletots um *brevet de nouveauté*.

Uma geração sempre *nova*, mesmo no mundo do pensamento, é uma impossibilidade, e pretender sê-lo é um desparate.

Cada geração tem uma missão historica a cumprir, e essa missão limita necessariamente o seu esforço e a sua intuição no tempo.—Estar aquem ou além d'esse limite é falhar ao seu designio, é ser esteril, é nullificar-se. Todo escriptor deve formar a consciencia clara de seu destino.

Adquerida esta, elle sabe então que tem um ideal.

Todo ideal é relativo e limitado no tempo e no espaço; concentrar as forças na direcção d'esse alvo, mover-se energica-

mente nesse circulo, eis a missão dos genios e dos talentos bem equilibrados. Isto envolve uma porção de compromissos, de afirmações e negações, que dão uma nota característica a cada operario do pensamento. E se pôde exigir de quem assim se classificou e definiu que todos os dias se apresente de *novo*, mude de ideias, como se muda de fato? Pois tal seria a exigencia da criação de uma *perpetua* nova geração. Um desarranjo a olhos vistos. E' preciso que cada um se defina n'uma direcção qualquer das grandes correntes do pensamento contemporaneo e se resigne a ser aquillo que pôde ser, e a guardar o posto que escolheu.

Tal posição pôde encerrar uma grande área de acção, pôde até admittir mudanças uteis e inevitaveis. Ser *novinho* por força e por capricho é que não é possível.

A successão rapida dos systemas contemporaneos, expressões naturaes de uma epoca turva e demasiado movimentada, não obriga ninguem a ser *cata-vento*; quem tem personalidade sustenta-se bem na refrega.

Satanistas, scientificistas, socialistas, pessimistas, parnasianos, impressionistas, symbolistas, decadentes, realistas, naturalistas, cerrados batalhões de toda esta gente têm talado os campos onde alardeou grandezas o velho romantismo.

Mesmo entre nós em os ultimos vinte annos, e este é tambem um dos signaes do tempo, varias camadas de poetas succederam-se imbuídos, eivados mais ou menos d'aquelles ideias. Nenhum d'elles fez escola e avassalou os outros.

Passaram todos como vozes fracas no tumultuar descuidoso da indifferença geral.

Uma evolução especial, porém, um verdadeiro movimento de retorno tem estado a accentuar-se ultimamente e no anno passado mais evidente se tornou.

Refiro-me á volta de nossos melhores poetas ao puro lyrismo quasi romantico.

Não é o romantismo doentio, cheio de pezadumes, ou o romantismo arrebitado de metaphoras e palavrões loucos; é o lyrismo na boa acceção do termo.

O gradual abandono dos pretenciosos systemas de poesia scientifica, pessimistica, socialista..... pelo lyrismo tradicional, doce e vivace, é o phenomeno mais notavel na litteratura poetica do anno passado.

Não sei si todos repararam n'isto; mas parece-me que ando certo assignalando este facto. O simples parnasianismo, a estrophe pela estrophe, o verso pelo verso, teve entre nós apenas a vantagem de melhor disciplinar a forma na poesia.

Como systema era incompetente para dar sahida a todas as erupções da alma americana. As divagações scientificas, politicas, sociaes, reduzidas a metro, não são aptas para agradar ao leitor brasileiro. Este aprecia antes de tudo em poesia a linguagem alada, sonora, irisada, revestindo emoções reaes, verdadeiramente sentidas.

E' por isso que ainda agora o lyrismo é a expressão mais adequada á nossa capacidade artistica.

E' um bem? E' um mal? Não sei; digo apenas que é um facto, e é bastante indicativo.

Os poetas que mais se distinguiram n'este retorno ás boas tradições do lyrismo foram os já mencionados Murat, Bilac, Passos, Augusto de Lima e Medeiros e Albuquerque, estes dois ultimos não de todo entrados ainda na evolução indicada.

São os nomes agora mais em voga, em substituição aos de Theophilo Dias, Raymundo Corrêa, Alberto de Oliveira, Mucio Teixeira e outros que vão já ficando um pouco escondidos na penumbra.

A fama dos poetas, vae já se parecendo tambem no Brazil com a fama das cantoras e das mulheres formosas, uma questão de moda. Na lucta pela gloria escaparão apenas os nomes que tiverem sido verdadeiramente superiores.

Nem todos os poetas citados publicaram livros em 1888; todos, porém, escreveram nos jornaes á farta. Foi um anno fertil.

A velha forma semi-classica appareceu nas traducções de Dante por Xavier Pinheiro e Barão de Villa da Barra.

E, para que a morrinha, a morphéa poetica tambem não nos faltasse, tivemos a publicação elogiastica feita a D. Pedro II por um mammoth litterario que tem aquelle nome comprido de *Barão de Parnapiacaba*.

Não é absolutamente possível analysar aqui um a um estes poetas.

Dar as notas mais geraes da intuição commum e nada mais.

N'este sentido supponho ser de alto interesse psychologico e historico assignalar a contradicção completa existente entre a moderna poesia e o moderno romance no Brazil. O lyrismo dá conta de uma sociedade idealista, cheia de transportes, de devotamentos, de virtudes, capaz de sacrificios e de heroismos; o romance esteriotypa uma sociedade de hypocritas, de corrompidos, de trahidores, de safados, de vis.

Quem terá razão? A verdade não pôde estar ao mesmo tempo n'estes dois extremos! Um d'elles é necessariamente falso, ou o são ambos.

Só em França na segunda metade do século passado houve um igual dualismo na litteratura. A julgar pela tragedia, era uma sociedade de cavalheiros da mais apurada dignidade; a julgar pela comedia, era uma sociedade corrompida até á medula.

Quem tinha razão? A comedia.

Entre nós quem diz a verdade, — o lyrismo, ou o romance? Nem um, nem outro. Vel-o-hemos depois.

SYLVIO ROMÉRO.

O exodo cearense, motivado pela secca que actualmente assola aquella provincia, durante os tres ultimos mezes, de Outubro a Dezembro fez immigrar para esta cidade 1573 pessoas, que por intermedio da repartição de terras e colonisação assim se distribuirão pelas seguintes provincias: Minas Geraes 604; S. Paulo 349; municipio Neutro 268; Rio de Janeiro 221; Espirito Santo 86 e Parahyba 15; passaram para este anno aguardando destino 24, falleceram 16.

Na fazenda do *Matamata*, pertencente a commendador José Brant, municipio de Diamantina provincia de Minas Geraes, acaba de descobrir-se uma abundante mina de salitre.

O povo invadio, sem nenhum respeito aos direitos do proprietario as terras em que se acham as minas, extrahindo em quatro dias della 2,000 arrobas de salitre.

Factores externos da civilização no Brazil. Theorias historicas. O evolucionismo

(Continuação)

Depois que os philosophos allemães estabeleceram a *lei do desenvolvimento*, Spencer nella inspirou-se para fundar o seu *evolucionismo*.

Desde que hoje não se pôde conceber progresso e desenvolvimento sem a transformação do homogeneo em heterogeneo, na opinião do philosopho inglez, pelo principio da multiplicação dos effeitos, que tem por causa a instabilidade do homogeneo, a explicação dos phenomenos não deve inspirar-se em uma só das forças, nem tão pouco salientar maior acção de uma sobre outra

Nelles não se deve ver senão o equilibrio das duas potencias, principio este que deve ser levado para a historia.

Assim como todos os factos biologicos não são mais do que o resultado, o reflexo desse equilibrio em que se mantêm a acção do meio e a das forças biologicas, os factos historicos tambem devem ser presididos pelo mesmo principio.

Serão a expressão de equilibrio entre o meio e as forças ethnicas.

A função e a forma são por ellas regidas e individualisam-se segundo seu jogo mutuo, assim um caracter nacional ha de ser dellas o reflexo, a resultante.

A biologia e a physiologia não vêm na morphologia e no funcionamento organico senão a somma das duas forças, por uma acção que pela psychologia é elevada á altura de uma lei para a explicação dos phenomenos mentaes e emocionaes; assim tambem a historia, por uma identica orientação, não deve ver na formação do caracter de um povo, em seu desenvolvimento civilizador, senão a somma das forças physicas e ethnicas.

Ellas juntam-se, reflectem-se, equilibram-se, para dar em resultado o phenomeno da historia.

Eis sua lei mais geral e que deve dominar todas as pesquisas.

Qual dellas, porém, é a mais poderosa?

Nenhuma, pois, os conhecimentos scientificos actuaes são insufficientes para uma tal averiguação.

Assim como na nutrição intersticial não se sabe dizer qual o elemento mais poderoso si as forças physico-químicas do oxigênio, ou si a força biológica dos tecidos; si na individualização de um organismo para a manutenção de uma morphologia e o desenvolvimento de sua função, não se sabe dizer a força mais poderosa das duas que se chocam, assim também para a individualização de um povo, para sua formação como um grupo histórico e o desenvolvimento de sua civilização, não se sabe dizer qual o factor de mais força, si o meio si o elemento ethnico.

Ambos são igualmente importantes, igualmente poderosos na phenomenação histórica, por isso que da reacção que offerecem entre si, resultará o desenvolvimento.

Qual delles, porém, entra em mais larga acção para traçar esse desenvolvimento é o que não se pôde assegurar, pela insufficiencia dos meios scientificos actuaes.

Quando muito se pôde traçar uma categorisação de phenomenos, pertencentes a cada um dos factores e isto não deve levar ao espirito do historiador uma predominancia de acção.

A essa categorisação pertencem, pelo lado do meio, os phenomenos de adaptação, de physiologia de uma raça, em virtude dos quaes tenderia perder sua integração, sua unidade, si não entrasse em acção uma força antagonica; pelo outro lado tenderiam a perpetuar-se os caracteres ethnicos, por meio da herança.

O meio rege a differenciação, pela adaptação; a força ethnica rege a integração, pela herança.

E como o caracter de um povo é a somma das duas forças, devemos concluir que para sua formação, para o desenvolvimento civilizador, ambas ellas se equilibram.

Estabelecemos, pois, o equilibrio das forças mesologica e ethnica como a lei geral que domina a historia brasileira.

Si uma prepondera sobre a outra, por exemplo o meio sobre o elemento ethnico, como quer o Dr. Araripe Junior, as tendencias divergentes serão poderosissimas, pela pequena reacção do elemento ethnico de sua acção antagonica e o resultado seria a falta de unidade do caracter brasileiro.

Si ha preponderancia do elemento ethnico como quer o Dr. Sylvio Romero, as tenden-

cias centralisadoras venceriam as tendencias divergentes, pela acção da herança, e ficariam inexplicaveis as differenças, ainda que não radicaes, do brasileiro do norte para o brasileiro do sul.

No primeiro caso o excesso de divergencia levaria a um excesso de heterogeneidade de caracter, de relações mentaes e emocionaes, entre os habitantes das duas zonas, tão differentes em suas condições physicas.

E essas profundas differenças não vemos na historia das duas zonas, cujos habitantes muito se approximam pela identidade dos elementos ethnicos que se conservam, circumstancia bastante poderosa para oppor-se á divergencia da acção de *habitat*.

Em ambas foram applicados os mesmos processos de colonisação, com igualdade de resultados; em ambas abriram-se linhas divisorias entre as classes populares de um lado e as do governo e clero, do outro; em ambas as relações subjectivas e psychologicas são identicas; em ambas, finalmente, os periodos historicos são caracterisados por uma identidade de hábitos, de reverencia e superstição ás classes dirigentes.

Si differenças se patenteiam, ellas não são tão profundas a romper a unidade de caracter.

E vemos mesmo que no norte o movimento historico vae acentuando uma identidade como que desdobra-se pelo sul.

Nota-se o mesmo scepticismo contra a religião e o governo, com a differença, porém, de ser mais tardio.

Os protestos que se levantaram contra essas duas forças foram identicos em ambas as zonas.

E isto nos leva a concluir que no sul o coefficiente de movimento é mais acelerado de que no norte e que o estado de equilibrio em que se mantêm as forças ethnica e mesologica é diverso.

Em vez de dizer-se, que ha na civilização do Brazil predominio da acção do meio, para se poder explicar as differenças accidentaes do caracter, acreditamos ser mais acertado affirmar que a população das duas zonas acha-se em differentes estados de equilibrio.

Na opinião do sabio philosopho inglez o equilibrio instavel é o caracter da homo-

geneidade de um aggregado, quer seja um organismo, quer uma sociedade.

Tende a differenciar-se e a integrar-se, pela instabilidade de equilibrio em que permanece, pela persistencia da força e pela impossibilidade de um aggregado indefinido, e a evoluir, pelo principio da multiplicação dos effeitos, pois, todo effeito é mais complexo de que a causa. (1)

Applicando estes principios ao desenvolvimento historico no Brazil, vemos que a primeira população, formada pela geração de *mestiços* do seculo XVI, que é o elemento ethnico nacional, representa um aggregado em equilibrio instavel, pelas tendencias a differenciação e integração.

« Duas naturezas, diz Spencer, adaptadas a duas series ligeiramente differentes de condições sociaes se unem; é de crer que sahirá uma natureza um pouco mais plastica do que ellas, mais facil de receber as impressões de um meio que se renova pelos progressos da vida social, e por isso mais propria a crear idéas e a manifestar sentimentos de uma forma particular. »

Eis em synthese a função historica do *mestiço* no Brazil.

Por esta instabilidade de equilibrio, a acção de meio produzirá uma multiplicação de effeitos, e a geração *mestiça* tende a evoluir e a desenvolver a organização de um meio social, que, por sua vez, terá novas incidencias de forças.

E esse resultado é tanto maior, tanto mais largo, quanto a população vae alcançando feições adiantadas de heterogeneidade, o que vae se reflectindo em seus productos de cultura; sciencia, litteratura, arte, governo e religião.

Assim as sociedades, como a historia, passam de um estado indefinido e incoherente, a um estado definido e coherente.

Como, pois, se póde dizer que ha preponderancia da acção do meio, sobre sua força antagonica, quando vemos que o desenvolvimento para percorrer todos os grãos da evolução exige um completo equilibrio?

O illustrado Dr. Araripe deixou-se inspirar pelas asseverações de Buckle, sobre as civilizações primitivas.

Submettendo a historia aos processos das sciencias naturaes, estabelecendo que as acções humanas são determinadas por seus antecedentes, o historiador inglez divide as civilizações em primitivas e his-

toricas, tendo o meio sobre aquellas completa acção.

As differenças unicas que descobrimos são que, nesse caso, a acção do meio é directa, e nas civilizações historicas ella é indirecta.

Por isso mesmo que no primeiro caso, o desenvolvimento depende quasi que exclusivamente da acção de *habitat*, de suas qualidades favoraveis ou desfavoraveis, a acção é immediata.

No segundo caso ella é mediata, por isso mesmo que a humanidade já chegou a pontos adiantados de integração e differenciação.

Isto porém não faz desapparecer a acção de meio que em ambas as civilizações é continua e ininterrompida.

As differenças estão pois no modo, no processo de acção.

No mundo biologico o desenvolvimento organico depende da acção externa e da reacção interna.

As funções organicas, nos grãos inferiores da escala animal, não estão localisadas, porque o aggregado é homogeneo e indefinido; não está differenciado. Ellas são indefinidas e incoherentes.

Neste caso, a synergia funcional é mantida pela acção directa do meio.

O orgão que move-se é o que sente, o que respira, que digere, que absorve, que nutre-se e que excreta.

Não ha especialisação de função, porque não ha especialisação de aggregado, cujo total da força biologica apresenta-se aos olhos do observador como uma expressão da acção directa do meio.

Nos grãos superiores da escala, as funções organicas acham-se especialisadas, porque o aggregado é mais differenciado e heterogeneo. O orgão que respira não é o que digere, o que move-se, sente e excreta.

Nestas condições o total da força biologica é somma destas funções, é o total da acção indirecta do meio e da directa do aggregado.

E' a expressão de um equilibrio.

Assim tambem na historia.

Nas civilizações primitivas, a acção do meio é directa, por que ellas são mais o

resultado de um bom sólo, de um bom clima, de que dos esforços humanos,

Nas civilizações historicas, em que a humanidade acha-se em pontos adiantados de integração, diferenciação e especialização, em vista da acção do meio e da reacção ethnica, a influencia physica torna-se mediata e indirecta no desenvolvimento historico, por meio do homem e dos seus órgãos sociaes.

As civilizações serão a expressão desse equilibrio.

Si prepondera a força ethnica, como quer o Dr. Sylvio, rompe-se esse equilibrio que julgamos imprescindivel para o desenvolvimento, para a normalidade dos phenomenos.

Quer nos parecer legitimas e verdadeiras as seguintes conclusões:

O elemento ethnico e o meio são as duas forças que dirigem a civilização humana, obram em virtude da adaptação e da herança. Para vencer as tendencias divergentes de segundo factor, oppõe-se a força antagonica do primeiro, por meio da herança, afim de manter uma unidade no fundo do character;

Em vista disto estabelece-se um equilibrio entre as duas forças, do qual resulta o desenvolvimento historico, que se tornará negativo, si uma dellas preponderar sobre a outra.

As differenças entre as civilizações primitivas e historicas não consistem na preponderancia de uma das forças sobre a outra, e sim nas differenças do processo de acção.

Da acção e reacção é que resulta o equilibrio das duas forças, não sendo nenhuma dellas um factor preponderante, pois, desapareceria a normalidade da phenomenação, desapareceria o equilibrio;

A cada uma das integrações, pela acção reflexa entre as duas forças, corresponde uma feição especial de meio social, que por vez leva seu contingente, na incidencia sobre o elemento ethnico.

Sendo o *mestiço* o ponto intermedio entre o meio social e o meio physico, transforma aquelle, pela sua cultura, a proporção que se integra pela acção deste.

E' elle o órgão da funcção historica.

FELISBELLO FREIRE.

Linguagem brasileira

O artigo que em seguida publicamos é devido á penna de Macedo Soares, o philologo americanista de maior valor que possuímos.

Não carece do nosso elogio esse trabalho que fará parte do colossal dictionario de brazileirismos, ainda agora inedito, mas que irá sendo publicado por partes na collecção dos *Annaes da Bibliotheca Nacional*:

LEXICOGRAPHIA BRAZILEIRA

BARRA, BARRO E SUAS FORMAÇÕES

BARRANCA sf., barranco. « Dando elles (os paraguayos) á palavra *barranca* a mesma significação que damos a «barranco», estende frequentemente essa denominação a toda a ribeira esquerda ou oriental, designando a outra pelo nome de *chaco*, que, como se sabe, designa o vasto e pouco conhecido paiz situado a poente do Paraguay». 1847 Lev. *RIH.* 1852, 213. Suas margens (do Jatapú), formadas de barrancas altas de argilla, apresentam em alguns pontos praias e em outros igapós.. Entre as barrancas a mais notavel é a chamada Tatáuacá, pouco abaixo do lago Uaucú, na curva que ahi apresenta o rio, com frente para NO. E' formado de seis stratus distinctos. BRoiz. 1875 *Urubú* 59-60. « O aspecto da barranca, que desde a margem do Paranápanema é alta, de rocha, de picarrão e terra barrenta quasi roxa, transformou-se em pantanos cobertos de relva até a barra do Ivahy ». Elliot. 1845 *RIH.* 1847, 28. || ETYM. vj. *barranco*. || GEOGR. Matto Grosso, Amazonas e Paraná: d'onde se vê que não é só expressão paraguaya, como se deprehende do Barão de Melgaço no trecho supra cit.

BARRANCEIRA sf., barranco ou barranca de certa extensão; continuação de barrancas. « Ao cabo de cinco dias, Estando eu na barranceira, Quando foi botando os olhos E' que vi Manuel Moreira ». O *Rabicho da Geralda*, versão das Alagoas, rec. por V. Cabr. || ETYM. os lexs. que o trazem dão como forma ant. de *ribanceira*; mas parece erro. *Ribanceira* vem de *riba*, lat. *ripa* praia; d'onde *ribeira* no mesmo sentido de *barranca*. Lev., ex. cit. *Barranceira* compõe-se do s. *barranc* (a) margem ou riba escavada, barrandosa + suff. *eira*;

e bem duvidou Moraes quando depois de remetter de *barranceira* para *ribanceira*, pergunta: « Talvez continuação de barranceos? » Sim, mas de *barrancas*; e a etym. d'estas pals. é o port. *barro*, do ar. *bara* terra. Eng. E' certo que, sendo o *c* de *barranca*=*k*=*qu*, devia dar *barranqueira*; mas, a intercorrência de *ribanceira*, do ant. port. *ribanç* (a) margem do rio tallhada a pique + suff. *eira*, explica a formação pop. do nosso voc.

BARRANCO sm., « é o nome que se dá á ribeira do rio, tendo ella pouco ou nenhum talude, seja aliás qual fôr a sua altura; quando pelo contrario, o talude é consideravel, a ribeira recebe o nome de *praia*, designação que tambem ás vezes se applica aos baixos, ainda que não contiguos ás margens ». 1847 Lev. *RIH*. 1862, 212. « Abre o rio um estirão muito comprido, e no fim campo á beira do rio, á direita com suas ilhas; outro estirão comprido, campo á parte direita á beira do rio, suas ilhas da parte esquerda.. Foram apparecendo suas praias e ilhas, barranco de campo á direita ». V. R. 1793 *RIH*. 1848 Suppl. 413. Eis ahi: campo que morre á beira do rio, e campo que se desbarranca sobre o rio. « E logo praia muito grande á direita, e no fim ilha grande á esquerda; barranco de campo á direita, ilha de serans pelo meio do rio; praia da parte direita; o canal é á esquerda; avistão-se muito longe dois morros da parte esquerda; e pelo meio do rio suas ilhas de serans; e no fim, uma entaipava rasa; ficando os morros na beira do rio, com barranco de campina á esquerda; alarga muito o rio: fiz pousada ». Ibid. 416. Vê-se: *barranco* opposto a *praia*, *despenhadeiro* opposto a *margem que vai morrer á flor das aguas*. || ETYM. ha tres familias de palavras começando por *bar*, cuja etym. precisa discernir. 1º *Barral*, *barranca*, *barranceira*, *barranco*, *barrancoso*, *barrear*, *barreira*, *barreiro*, *barriela*, *barrento*, *barroca*, *barrocal*, *barroso*, vêm do port. *barro*, que se formou do ar. *bara* terra. Eng., que pergunta: *ut ex sua quid formatur*? 2º *Barra* de porto, *barraca*, *barrica*, *barriga*, *barril*, *barco*. *barathro*, *baratta* vaso, descendem da raiz aryana *bar* ouco, oucura, cava, excavação, vacuo, bojo, capacidade. 3º *Barra* trave, *barra* do vestido, *b.* do dia, *barreira* obstaculo, *barrar* separar, fechar, *bardo* cerca, *vara*, constituem outra familia, proveniente do celt. *bar* vara, regua, trave, que obsta, que

separa, que cerca. O port. *barro* argilla, não tem correspondente em nenhuma outra lg. neolat., com excepção do hisp., que o tirou da mesma fonte. O fr. é *glaise*, ital. *bucche o*, prov. *argila*. || LEX. PORT. *barranco* é « cova ou quebrada de terra, a modo de vallado de uma e outra parte, que, por receber de ambas toda a agua, está humida e feita quasi barro ». Bl.; cova ou quebrada formada pelas enxurradas ou por outra causa ». Aul.: noção que tambem aqui temos.

BARRANCOSO adj., cheio de barrancos ou barrancas. « As margens, desde a barra (do Ivalhy) baixas e pantanosas tornão-se barrancosas ». Elliot 1845 *RIH*. 1847, 29.

|| ETYM. *barranc* (o) + suff. *oso* cheio.

BARREAR va., revestir de barro a parede: vj. *embarrar*. « Para o que se barreou um dos ranchos ». *RIH*. 1855, 258. || ETYM. s. *barr* (o) + suff. vb. *ear*. || LEX PORT. *barrar*.

BARREIO sm., pastagem nos barreiros salgados, « Fazer barreiro » levar o gado a pastar nos barreiros salitrados. « Todo o mais dilatado espaço de campanha (na prov. das Missões) não só não cria, como mata, passados tempos, os animaes que n'ella se apascentam. Este defeito, porem, poderia remediar-se tendo-se o trabalho de fazer barreiros; mas como os nossos povoadores têm a fortuna de possuir campos que, independente d'este serviço, criam, com notavel proveito e adiantamento, desprezam estes campos ». Th. Rab. *RIH*. 1840, 158. || ETYM, s. *barr* (o) + suff. *eio*. Parece que, á semilhança de *rodeio* qv., se formou a pal. *barreiro*: acção de levar o gado ao *barro* onde ha sal.

BARREIRA sf., « lugar escarpado na margem do rio com extensão até meia legua, onde não ha mato ». RTS. *RIH*. 1848, 202. « D'este ponto (Tupinambáranas) ou pouco mais acima se deve atravessar o Amazonas, por não navegar uma margem insipida.. e um rio vazio de muitas praias, e buscar a parte do norte até Cararaucú, que são umas barreiras de terra vermelha ». André Frnz. 1820? *RIH*. 1848, 419. || ETYM. *barr* + suff. *eira*. || GEORG. Mgr., Goyaz, Am. || LEX. PORT. lugar donde se tira barro: estacada; alvo; limite; obstaculo. || SYN. *barreiro*.

BARREIRO sm. 1º lugar donde se tira barro para as obras de pedreiro. || 2º « terreno salitrado mui buscado pelos animaes, e sitios sabidos dos caçadores para espera

e caçadas das antas ». Sev. I, 53. Ou, como descreve Taunay : « Chamão-se *barreiras* algumas baixadas salino-salitrosas, de cor acinzentada puxando para o branco. Todos os animaes buscam, com verdadeira soffreguidão, esses logares; não só mammiferos, como aves e reptis. O gado lambe o chão, e, atolando-se nas poças, bebe com delicia aquella agua e come o barro. Quando ás vezes voltam á noite d'esse pascigo, vêm com o ventre empazinado, como se estivessem prenhes. Não ha melhor ponto d'espera para um caçador; na verdade a abundancia de passaros e de caça grossa que se junta n'um barreiro é coisa de pasmar. Tambem ahi é que os sucurys vêm-se esconder para colherem as suas prezas ». 1865 *RIH*. 1874, 220. « Sahi em uma canoa a correr todos os barreiros, que ficam ou se acham nas margens do Tieté, de cujo barro comem os gados, talvez por ser salgado; parece-me que elles contêm sua porção de muriato de soda, mas nunca salitre, como aqui tinham pensado.. Na volta, encontrei o sujeito encarregado da fabrica do salitre, bom pratico, que vinha examinar as ditas barreiras, a quem desenganei ». Martim Francisco 1803 *RIH*. 1882, 28. « Vim dormir nos campos; e depois que anoiteceu, embarcaram os dois remeiros e foram esperar caça em um barreiro, pois que ha muita pelas margens do rio, e mataram uma anta ». Ol.B. 1810 *RIH*. 1839, 182. « Atravessei o rio Daboque, que vem da serra, e alem d'elle encontrei barreiros mui ricos de salitre ». D'Al. 1825 *RIH*. 1857, 340. « Chegámos a uma pequena e romantica ilha com um barreiro na ponta superior, aonde affluia um bando immenso de passaros, e ahi pousámos ». Elliott 1847 *RIH*. 1848, 161. Esses exs. definem o *barreiro* que, segundo o naturalista D'Alincourt, contem salitre, e segundo o naturalista Martim Francisco, não contem. || GEOGR. SP., Paraná, Mgr., Goyaz.

BARROCA sf., buraco, rasgão praticado na terra pelas enxurradas ou outras causas, cova profunda, circular ou comprida, que geralmente intercepta o passo. || ETYM. a pal. filia-se, parece á mesma familia descendente de *barro*. Comtudo, Diez acha bom fundamento nos etymologistas ports. que a derivam do ar. *borgah'*. || HIST. « Este termo, diz DV., anda confundido com *barranco*, como se vê pela definição de *cova* que lhe assignam; e define *barroca* monte ou rocha de piçarra; ou de barro, ajunta

Aul., dando tambem o signif. vulgar de *cova*, *barranco*. Esta accepção vulgar de *cova*, unica que passou para o Brazil, era tambem a unica em Port. no sec. XVII, como testemunha Bluteau, definindo *barroca* cova que fazem as aguas impetuosas; e adduz ex. de João de Barros onde concluimos que assim era no sec. XVI. No sec. XVIII, vemos em S. Rosa de Viterbo *barroco*, *barrocos* (forma masc.), penedo ou penedos altos e sobranceiros ao valle ou á terra plana e assente; d'onde *barrocal* lugar cheio de penedos altos e fragosos; pal. ainda então usada em Pinhel e Ribacôa. N'este sec., Moura ap. Souza dá *barroca*, do ar. *borca* terra inculta cheia de penedia e cascalho; mas Engelmann não perfilha o vocabulo, que já nos está com tres ideias diversissimas; cova, penedo e terra coberta de penedos e cascalho. Cumpre notar que o ar. *borqah'* faz no pl. *boraq*, d'onde o nosso t. *buraco*; logo, *barroca* devia ser *cova*. « O chão estava calçado ou alastrado de pedras soltas e deseguaes, com muitos saltos e barrocas; e onde isto faltava, era atoleiro grande e caldeirões muito fundos ». Az. 1751 *RIH*, 1845, 471. O Conde de Azambuja, que chegava de Portugal, emprega aqui *barroca* no sent. de Moura. « D'elle (morro do Bom Jesus, em Iguape) correm por muitas barrocas regatos de boa agua.. Sempre as grandes massas da mencionada rocha granitica, desarrumada. Esta rocha forma pelo seo desarrumamento barrocas a cada passo, por onde correm regatos e cachoeiras abundantes em aguas ». Mart. Franc. 1805 *RIH*. 1847, 532-3. Eis ahi a accepção brasileira. As barrocas, em forma de covas circulares, assim como as grotas, são muito frequentes nos campos geraes do Paraná, consequencia talvez da formação rochosa do terreno. O solo dos taboleiros ou chapadas que se estendem sobre as cristas das serras é uma camada comparativamente delgada, que os ventos crestão e as enxurradas facilmente excavão; e tanto mais amiudo, quanto, despojados de vegetação vigorosa, apenas coberta de gramineas, aroideas, cyperaceas e outras ervas e alguns subarbustos, cujas tenues raizes não segurão a terra, é infallivel e rapida a desaggregação das rochas que a compõem. A forma e direcção das barrocas são determinadas pelas fendas dos rochedos, atravez dos quaes foi a terra carregada pela accção das aguas pluviaes; e depositando-se no leito e pelas bordas d'essas bi-

bocas, dá nascimento á vegetação enfezada e carrasquenha que a reveste.

BARROCAL sm., lugar cheio de barrocas. Oliv. Bello *Furrapos* 4.

BARROÇÃO sm., augm. de *barroca*. «Juntou atraz o Moreira, Correndo como um damnado; Mas logo adeante esbarrei Escutando um zoadão Moreira se despenhou No fundo de um barroção». Al. ap. SR. I, 75. Ceará.

BARROSO adj., 1º branco e vermelho: diz-se do gado, e é, nas fazendas nome com que os moleques e pastores baptizão o boi ou vacca de côr barrenta.=2º branco. Cor. «E's branco como o jasmim, Colorado como a rosa: Si tu me amares sempre Dou-te ãa terneira barrosa». Kos. ap. SR. II, 73. || ETYM. s. *barr(o)* + suff. *oso* cheio. || GEOGR. 1º litt. RJan.; 2º RGS.

MACEDO SOARES.

Rezenha Politica e Administrativa

O governo está em Petropolis, isto é o Poder Moderador e o cabeça do Poder Executivo; este vem ás quintas-feiras combinar com os collegas os despachos que á Aquelle (1) tem de ser presentes aos sabados. A nau do Estado parece ir com vento de feição, pelo menos para o ministerio e seus numerosos parentes e adherentes.

Emquanto isto; para não parecer que não ha governo na terra, o illustrado ministro do imperio, só por si faz serviço ou cousa que o valha por um ministerio inteiro. As reuniões multiplicam-se, e dias ha que a Secretaria conserva-se illuminada até tarde da noite; dir-se-hia que o ex-ministro da justiça não concordou com o seu chefe de Policia quando resuscitou o toque do Aragon.

Entre as medidas tomadas ultimamente pelo Sr. ministro do imperio, figura um aviso ás instituições educadoras subsidiadas pelos cofres publicos, communicando a resolução em que está S. Ex. de não mandar continuar o pagamento do subsidio enquanto não lhes for prestadas as contas do anno passado.

(1) — Não se dirá ao menos que saltamos com o devido respeito á pragmatica da maiuscula official.

A primeira vista parecerá isso uma grande e moralisadora medida no intuito de fiscalisar o emprego dos e dinheiros publicos, mas examinada á luz da analyse reconhecer-se-ha que sobre ser de inefficaz objectivo, é illegal a medida e só servirá para pôr tropeços á vida economica dessas instituições, cuja philanthropia não pôde ser posta em duvida nem mesmo por S. Ex.

O que pretende o ministro do imperio saber se o subsidio foi todo ou em parte despendido, se foi bem ou mal empregado?

Antes de tudo, cumpre estabelecer uma preliminar: o podere legislativo concederam taes subsidios mediante condições?— Não, por certo. Como pretende, isto é em que sentido quer o ministro exercer a sua fiscalisação?

Determinaram os poderes legislativos que o subsidio fosse applicado deste ou daquelle modo, com este ou aquelle objecto, com tal ou tal aula?— Nada disto. Como poderá pois o ministro approvar esta ou reprovar aquella verba?

Se os poderes legislativos determinaram apenas que pelo—ministerio do imperio, se desse taes e taes verbas a esta e aquella instituição, no louvavel intuito de auxiliar-as, sem em troca exigir mais do que a manutenção do estabelecimento educativo em proveito publico, como quer agora o ministro que essas instituições lhe prestem contas? Contas de que e de que forma?

Passando á pratica, a inefficacia da medida no sentido fiscalizador, torna-se tão palpavel que só admira que um ministro da estatura do Sr. conselheiro Ferreira Vianna, se lembrasse de a pôr em circulação.

Demos que, uma associação apresente as suas contas e comprove com documentos legalisados, que despendeo todo o subsidio, com illuminação, livros, aceio da casa, empregados e até com algumas duzias de foguetes do ar para festejar, por exemplo, a passagem do Sr. Ferreira Vianna da pasta da justiça para a do imperio, que fará S. Ex.? Reprovará a despesa com os foguetes? Mandará a directoria da associação repôr a quantia despendida com esses estouros? Mas, dirá a directoria: desde que es podere legislativo nos da uma certa quantia para auxiliar o nosso estabelecimento philanthropico, nós temos o direito de despendel-a como nos aprou-ver em proveito do mesmo estabelecimento;

ora, S. Ex. não nos poderá contestar o proveito que visamos mandando atacar foguetes em honra de S. Ex. mesmo.

Se no pessoal pago, escripturarios, inspectores de aulas e serventes, o ministro achar demasias, terá o direito de cortal-as?

Mas que base terá S. Ex. para entender que ha pessoal de mais ou de menos em uma instituição particular, que não se rege internamente por leis ou decretos geraes?

Não; não é essa a fiscalisação que nestes casos cabe ao ministro exercel-a; e o sr. conselheiro Ferreira Vianna é bastante lido para saber que nos paizes mais adiantados do mundo, como a Inglaterra, por exemplo, o Estado subsidia e largamente muitas instituições particulares, exigindo dellas contas, é certo e contas muito exactas, mas é do resultado moral, dos fructos colhidos.

Que lhe importa saber em que se despendeu a verba que foi destinada para tal fim; o que quer é conhecer do resultado para poder avaliar o proveito da applicação dos dinheiros publicos.

E' por este caminho que deveria ter ido o nobre ministro do imperio, e não pelo exame das contas de fornecimento ou do objecto do dispendio. Pelo caminho que seguiu S. Ex. achar-se-ha em serios embarracos quando chegar ao Instituto Historico, pois acredito que não valerá a privança imperial para esta instituição ser isemptada da fiscalisação. E lembra-me della justamente, porque acaba de publicar um volume commemorativo do seu jubileo, celebrado em Outubro do anno findo.

Antes do mais, os poderes legislativos concedem um subsidio ao Instituto para a publicação da sua *Revista*, aliás de grande importancia, mas não para celebrar jubileos. Ora, pergunto eu, glosará o nobre ministro as contas dos dispendios feitos com os tropheos e bandeirinhas da sala festiva? Se o fizer tenha paciencia, hade approvar tambem aquella continha dos foguetes que ha pouco aponte. E o volume commemorativo? Approvará S. Ex. o que nelle foi dispendido com os retratos, entre os quaes nota-se o do Sr. Dr. Mattoso Maia fingindo de imperador, e um do general Cunha Mattos, que é um horror. O Sr. conselheiro Ferreira Vianna é tambem ministro das Bellas Artes, alento por isso, a esperanza que S. Ex. não approvará a

despeza de que o Instituto fez com essa lithographias.

O nobre ministro o imperio, é tão activo, tão esmerilhador de antigualhas e ensaiador de novos moldes, que absorve-me todo este espaço e por tal fórma que receio, para não alongar demasiadamente esta resenha, deixar de tocar em outros pontos administrativos ou politicos. E como não ser assim, se S. Ex. chega a fazer quatro reuniões em um só dia. Quasi que não dá a attenção publica tempo para mais nada.

Entre essas reuniões é na verdade digna de nota, a dos credores da Camara Municipal da côrte. O Sr. conselheiro Ferreira Vianna, ministro do imperio, esse mesmo que na sessão do parlamento de 1887 em alevantada peça oratoria, tão valentemente deffendeo a autonomia municipal, que S. Ex. via ameaçada pelo projecto de reforma do Sr. conselheiro Paulino, convoca uma reunião dos credores da municipalidade da côrte, isto é do municipio do qual S. Ex. é muito digno representante na Camara temporaria, pondo com a maior sem cerimonia á margem toda a vereança.

Mas é bem certo o proloquio cada povo tem o governo que merece; parodiando, é bem o caso de applicar o dito a esta Edilidade; pois ella não só acceitou, tão descomunal conculcamento dos seus direitos como submetteu-se e até creio que agradecida a semelhante desconsideração. E vereadores houve que deffenderam com todo o enthusiasmo o ministro, que para a cobrança do imposto adicional para os Asylos, *uma ninharia de 30 %*, ameaça-os com um extranho á Camara, um fiscal emfim, porquanto ao que parece não confia muito na cobrança feita pelos empregados da casa.

Gentil *comme il faut* por certo é o illustre ministro de estrangeiros; na sua pasta elle dá as maiores reviravoltas sem o minimo estrepito; assim é que o decreto de 14 do corrente marcou uma contradança entre o Barão de Penedo e o Visconde de Arinos, indo este para Londres e aquelle para Paris.

O Barão de Penedo deixa pois a Legação de Londres; é crível isso? O decreto ahí está publicado no *Diario Official* e não ha duvidal-o.

A ultima hora porem affirma-se que o Barão de Penedo não quer contradançar.

Ainda firmado pelo Sr. conselheiro Antonio Prado tem apparecido na folha official alguns decretos d'aquelle rotorio de concessões que S. Ex. desfiou tão prodigamente antes de retirar-se para S. Paulo.

Um desses decretos garante juro a um engenho central com o capital de 1.000:000\$000 e a outro, para o mesmo fim, com o de 750:000\$000. Ambos os engenhos são de Pernambuco, e por isso não me deixou de fazer especie aquella differença de capital; amigo porém que convive com parentes do governo deo-me como explicação, ser o de mil contos para um Sr. José Verissimo, que ainda é Loyo, quanto ao outro é apenas amigo dos Loyos.

A razão, póde não ser exacta, mas é acceitavel.

Tambem é do Sr. Antonio Prado um decreto de 5 de Janeiro prorogando por seis mezes o prazo de tres que por decreto de 15 de Dezembro ultimo, fôra concedido á Empresa do plano inclinado de Santa Thereza, para apresentar os estudos de novas linhas.

E' um cumulo isto de em menos de um mez prorogar-se prazos ainda mal comecados a contar. Para que não concedeo desde logo o ministro os seis mezes, ou para que não os pedio a companhia se a falta está da sua parte.

Esta empresa do Plano Inclinado tem uma historia curiosa que bem merecia ser escripta por quem quizesse ter o trabalho de esmiuçar as bernardices para não dar outro nome, da nossa administração publica.

O Sr. tenente Francisco Victor da Fonseca e Silva, que por graça deodoriana, passou da noite para o dia a tenente-coronel, foi encarregado pelo Sr. conselheiro Ferreira Vianna, quando ministro da justiça, de organizar um plano de reforma da guarda nacional. Este trabalho está prompto e, segundo consta, essa guarda passará a ser considerada como reserva do exercito, dividida em duas partes, sendo a primeira de cidadãos de 17 a 45 annos de idade e a segunda de 46 a 60 annos.

Os batalhões serão, como no exercito, compostos de quatro esquadrões tendo aquelles 384 praças e estes 256.

A primeira reserva poderá ser mobilizada, e formará em revista de instrucção nos dias 13 de Maio e 7 de Setembro de cada anno, e, em parada, nos dias 29 de Julho e 2 de Dezembro.

Os ajudantes dos batalhões serão capitães e os instructores officiaes do exercito.

O effectivo da guarda nacional é calculado em 400.000 homens mais ou menos.

E' uma obra de mestre; só a lembrança de aproveitar os saxagenarios é digna de eternas luminarias. E os dias escolhidos para as paradas e revistas? Em Maio e em Dezembro, isto é, em plena primavera ou no rigor do verão. O Sr. tenente, por graça deodoriana tenente-coronel Fonseca, não presta attenção a questões de nonada, sol de rachar ou fresca sombra não quer dizer nada, morram de insolação os guardas de 60 annos ou de 17, pouco importa, o que se quer é que haja parada no dia anniversario do Imperador, da Princeza imperial e... a 13 a de Maio. Sem a *aurea lei* nada se faria; S. S. fez bem em lembral-a, mas cometeo uma falta imperdoavel aos olhos do Sr. Patrocinio, que foi a de não crear uma guarda de honra para o 3º reinado como a teve o 2º, e de não se denominar ella a— guarda negra.

Um Sr. Luiz Schreiner, que se diz doutor e engenheiro, propoz ao Sr. ministro do imperio que mandasse para os Asylos da ilha do Governador, os mendigos e creanças vadias que infestam esta cidade. E, segundo affirmaram os jornaes bem informados, o Sr. conselheiro Ferreira Vianna acceitou a proposta e vae pôr em execução o plano do doutor Schreiner.

Que cargo official occupa este senhor para fazer taes propostas? Ao que consta nenhum decreto ou portaria existe nomeando-o para cousa alguma; apenas por um aviso o Sr. conselheiro Ferreira Vianna, quando ministro da justiça, o incumbio de apresentar planos de segurança publica em relação aos theatros no caso de incendio, e pôr signal que tudo deo em droga.

A questão das carnes verdes em Pernambuco não ficou no acto do ex-presidente o Sr. Oliveira Andrade, a quem não regatearemos louvores, por deixar de sancionar semelhante monstruosidade.

O vice-presidente da assembléa provincial, um Barão ou Visconde de qualquer cousa, mandou dar publicidade á resolução

da mesma assembléa prorogando o monopólio, entendendo assim supprir a sanção do presidente da provincia.

O Dr. José Marianno reuniu logo gente e sahio á rua dando vivas! — Vivas ao monopólio, ao escandalo e a patota.

O novo presidente, o Sr. Araujo Góes, não permittio que sahisses as charangas, acompanhando a procissão, mas declarou que para ser coherente com o seu antecessor não sancionaria a lei prorogando o monopólio, a qual aliás verdade, verdade, achava-a boa, util, moral até, quem sabe.

O que só me admira é que depois desta declaração o Dr. José Marianno não cahisse nos braços do Sr. Araujo Góes, exclamando: — afinal sempre nos entendemos.

O mesmo presidente, o Sr. Araujo Góes, abriu concorrência para o empréstimo de 8.600:000\$000, dando o prazo de 45 dias.

Os empréstimos provinciaes estão assumindo uma proporção assustadora, vão caminho de uma bancarota geral. Segundo um quadro da divida passiva do exercicio de 1885—1886, e publicado em fins do anno passado, a divida de Pernambuco então elevava-se a 8.025:912\$476; ora como certamente deste novo empréstimo pouco ou nada será applicado ao pagamento da divida antiga, claro está que muito breve a divida dessa provincia attingirá a mais de 15.000:000\$000; isto quando a renda provincial de 1888 não passou de 2.475:681\$474, e ainda assim foi superior a de 1887.

E' conhecida a crise agricola que assoberba a provincia, a depreciação do preço do assucar, o qual não obstante ainda o anno passado attingio pelo valor official da exportação a 21.965:545\$914, mas este anno tende a decrescer consideravelmente. Fazer-se pois em taes condições tão avultado empréstimo é augmentar tanto a carga, que quasi se póde desde já prever o desastre.

Mas os empréstimos provinciaes tornaram-se moda ou antes epidemia, e é, dizem os entendedores — nas grandes desgraças que oe fazem as grandes fortunas.

O empréstimo da provincia de Minas está a decidir-se; um dos proponentes é o Sr. Silva Loyo, e annuncia-se o proximo regresso do mesmo senhor á sua provincia natal, Pernambuco, onde o aguarda seu genro, parente chegado do governo, e o porto do Recife...

Que Deus o leve ao genro e ao « porto e salvamento.»

Hypolito.

Os quinze dias

Pego licença aos meus amaveis leitores para não seguir nesta singela chronica a respectiva ordem chronologica. Tratando de cousas esmadas e sem nexo de causalidade, aquella ordem torna-se excusada e inutil.

Assim, antepoño á direcção do almanak a direcção propria das minhas suggestões e da minha memoria.

De muita cousa hei de esquecer-me; mas ha um recurso que generosamente offereço aos leitores: deixo no escriptorio d'esta folha o meu tinteiro onde o que lá ficar, fica á disposição de quem o queira.

Ao tinteiro, pois.

Fazer uma chronica de acontecimentos consiste quasi exclusivamente em tomal-os, colhel-os aqui e além, pelos cabellos, pelo lado mais illuminado, pela face que n'elles está voltada para a praça publica, reunir-lhes os fragmentos ou em uma só palavra expressiva abolindemrepcotchimdegoal-os.

D'esta arte, se como disse Alencar, o jornal é o conforto de uma toalha da civilização, mais especialmente a chronica é a pobreza honrada de uma modesta colcha de retalhos.

Fundou-se aqui ha tempos nm *Centro Telegraphico da Imprensa* que é uma bella associação de pura mutualidade. Os paulistas pagam para ter telegrammas fluminenses e *vice-versa*.

Parece, porem, que os jornalistas da provincia não comprehendem bem a gravidade do seu mister e impigem diariamente telegrammas custosos sobre os factos mais vulgares da vida quotidiana. De vez em quando surgem de S. Paulo telegrammas como este: « O illustre professor de direito publico arrotou em plena aula. » E por esse desarranjo gastrico os fluminenses vomitam não sei quantos mal réis.

Outro dia li eu no *Pais* um telegramma concebido nestes termos:

— « O Sr. Horacio de Carvalho teve uma febre. »

Muito bem. Mas se eu fosse a gente do *Pais* obrigaria os jornalistas de S. Paulo a pagarem a seguinte resposta, a titulo de informação notavel:

« Deem ao Sr. Horacio um pouco de sulphato. »

A *Tribuna Liberal*, de quem aliás não desgostamos, reproduziu um aviso do *Jornal do Commercio* em que a Camara Municipal annuncia que em dias certos o Sr. Ferreira Nobre dará audiencias em substituição ao mesmo Sr. Ferreira Nobre.

A *Tribuna Liberal* acha escandaloso e absurdo que um homem se substitua a si mesmo.

Não estou longe d'este pensar, ainda que me queira parecer que o Sr. Ferreira Nobre com boa vontade ainda possa chegar a ser o Sr. Nobre Ferreira.

Tambem a *Tribuna Liberal* foi creada para inverter a situação politica, mas, por enquanto, limita-se meramente a inverter a situação... dos vocabulos

Mas, ha de ir mais longe.

Para aproveitar a oportunidade, é bom registrar que hoje em dia o partido liberal cultiva affectuosamente a grammatica vernacula. E' esse o caracteristico do partido opposicionista vigente. Quasi meia folha do orgão tem consistido em notar paralogismos, cacophonias e toda a pathologia linguistica e rhetorica dos faladores ou escriptas officiaes.

Quando o partido liberalisante vier consumir a salvação dos povos, bem póde mostrar e allegar os seus dous grandes serviços: o acto addicional de 1834 e a syntaxe do Padre Manoel Bernardes, de 1889.

Nas altas regiões do governo, o facto culminante foi a tolice congressista, imaginada e posta em pratica pelo Sr. Ferreira Vianna. Por toda a parte, congressos. Congresso de jornalistas, de alfaiates, de professores: a serie foi lugubrememente fechada por um congresso de cadaveres.

Esses senhores cadaveres, rompendo a tradicional pacatez do silencio eterno em que habitualmente repousam, do baixo tumulto subiram ao alto da imprensa, pelas alturas da *Cidade do Rio*, e protestaram, um pouco descomedidamente para defunctos.

Não é crível que um defuncto razoavel commetta em linguagem aquelle simile constante da acta: « não tememos, nem desejamos a morte ainda que ella seja inevitavel. »

Ora vejam! defunctos que não temem medo de morrer!

Na minha qualidade de alma vivente, declaro hoje que apenas um unico horror me attribula: é o de nascer outra vez.

A *Sebastiana*, revista theatral do Dr. Moreira Sampaio tem tido successo e bom successo, o que não é totalmente difficil ao sexo de qualquer Sebastiana.

No principio, era o cahos, diz a Biblia; mas para toda a revista theatral o desideratum é este: no principio era o escandalo.

E houve-o, o seu tanto.

Uma actriz queixou-se á policia de que lhe levaram a exaggero mythico certas partes que, como a mulher de Cesar, deviam estar ao abrigo da caricatura.

A policia casta e pudibunda deu as providencias que a desconsolada peça anatomica ruidosamente reclamava. A Empresa parece que attendeu á policia, pois vem pela *Gazeta de Noticias* ingenuamente confessar que a actriz estava no seu direito pois « tirava partido do que era seu ».

(Seu, d'ella, ó leitor pudibundo!)

A proposito d'isto, foi que se deu este curto dialogo no jardim do Sant'Anna entre duas corottes:

— As-tu lu ce. . ? Ils se melent de ce qui ne nous regarde pas.

— A' nous, pas pour eux. On n'y voit d'autre chose que leur nez.

Em um dos periodos que essa chronica abrange, completou mais um anno de existencia um dos nossos melhores jornaes, o *Novidades*.

Aqui estou de chapéu na mão, a cumprimentar o collega.

Sempre gostei do *Novidades*, que tão bem justifica o conceito natural de folha, por ser leve como ella, e como ella ser um orgão de respiração, indispensavel ao oxigenamento de nossa vida intellectual.

E já que estou de chapéu na mão, despeço-me dos leitores.

NEREU.